ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

de Aldous Huxley
(1894 – 1963)

Resumo da Narrativa

Aldous Huxley escreveu "O Admirável Mundo Novo" em quatro meses, em 1931. O título foi retirado de uma fala da personagem Miranda, do drama "A Tempestade" de Shakespeare. A obra é uma paródia do livro *"Men Like Gods"* de H. G. Wells.

❑ * ❑ * ❑ * ❒

Capítulo I

A maior parte da trama passa-se em Londres, seiscentos anos no futuro (632 d.F[1]). O mundo havia sido dominado pelos controladores mundiais, cujo objetivo principal é assegurar a estabilidade e felicidade sociais. Por causa disso, o conceito estruturador do regime é o utilitarismo, ou a maximização da felicidade geral da sociedade: *"Não são os filósofos, mas sim os colecionadores de selos e os marceneiros amadores que constituem a espinha dorsal da sociedade"*. O romance começa no Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central, um centro de produção de seres humanos, cuja quantidade é mantida num patamar "ideal". Um grupo de estudantes excursiona pelas instalações guiados pelo diretor de incubação e condicionamento (DIC).

Os estudantes são apresentados aos vários equipamentos e técnicas usados para produção de embriões e condicionamento de pessoas. Simplificadamente, os cientistas pegam um ovário, removem e fertilizam os óvulos, clonam os ovos até noventa e seis vezes e depois desenvolvem os embriões *in vitro*. Estes grupos de gêmeos idênticos são chamados grupos "bokanovsky". Predestinadores decidem a função futura de cada embrião na sociedade, por meio de tratamento químico diferenciado:*"Quanto mais baixa a casta, ... menos oxigênio se dá"*.

Esta sociedade do futuro está baseada num sistema de cinco castas, com os alfas e os betas no topo, os únicos indivíduos provenientes de embriões não clonados, logo sem irmãos gêmeos. O centro condiciona todos os outros embriões, dividindo-os em gamas, deltas e epsilos, com variações "mais" ou "menos" e faz muitas cópias pelo método bokanovsky. Deste modo, os alfas representam um grupo intelectualmente superior, seguidos pelos betas e descendo até os epsilos, que são programados para ter pouca inteligência.

Capítulo II

Os estudantes continuam sua visita pelo Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central. Eles observam a aplicação do ritual chamado condicionamento neopavlovniano em um grupo de bebês deltas que são ensinados, por meio de choques elétricos e sereias, a adquirirem pavor de livros e de rosas. O objetivo é desencorajar futuros comportamentos que possam desestabilizar a sociedade, coisa que aconteceria se os deltas pudessem ler livros e adquirir

[1] Depois de Ford: o calendário usa como referência o nascimento de Henry Ford em 1863.

conhecimento. Com relação às flores, é esclarecido que *"o amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica"*.

Os estudantes também observam um grupo de crianças adormecidas sendo expostas à hipnopédia, um condicionamento mental durante o sono, em que as mesmas idéias são repetidas milhares de vezes. A hipnopédia é utilizada para treinar valores morais entre os três e dezesseis anos, conjugando idade sugestionável com a baixa resistência psicológica do estado de sono. Por exemplo, no momento da visita, crianças betas estavam sendo doutrinadas a acreditar que são superiores aos gamas, deltas e epsilos, mas não aos alfas.

Capítulo III

Os estudantes são conduzidos para o local onde crianças jogam balatela centrífuga. O jogo é sofisticado e exige equipamentos complexos. Aos visitantes é explicado que o uso de equipamentos é necessário para aumentar o consumo de bens materiais e expandir a economia. As crianças também são induzidas a se envolver em jogos eróticos; deste modo, um menino que se recusasse a jogar com uma menina seria levado a um psicólogo.

O diretor está explicando que, no passado, as crianças eram criadas pelos pais e não em centros de condicionamento do estado, quando é interrompido por nada mais, nada menos que sua fordeza Mustafá Mond, o administrador residente da Europa Ocidental, um dos dez administradores mundiais. Mustafá conclui a explanação do diretor fazendo notar que antigamente "lar" consistia em uma mãe, um pai e crianças e descreve "lar" como um local doentio, mal cheiroso e palco de intimidades e emoções. Pior do que tudo, naquele tempo os seres humanos eram vivíparos, informação recebida com ojeriza generalizada: *"Em uma palavra - resumiu o diretor – os pais eram o pai e a mãe"*. Isto significa que, antigamente, as pessoas nasciam e não eram "decantadas" como naquela época. Continuando a preleção, é atribuída a Freud a demonstração de que os perigos da vida familiar conduziam à instabilidade pessoal, logo à instabilidade social. A sociedade utópica, portanto, criou a frase *"todos pertencem a todos",* num esforço para erradicar o individualismo.

O administrador também dá uma aula de história relatando como os primeiros reformadores haviam sido banidos pelos velhos governos, mas depois da guerra dos nove anos, que destruiu a maior parte do velho mundo, os dominadores tomaram o poder e começaram a substituir a cultura estabelecida, iniciando campanhas contra o passado, destruindo monumentos e livros e banindo a reprodução sexual. A religião, particularmente o cristianismo, foi transformada em um culto a Henry Ford. Para enfatizar a grande contribuição de Ford, a produção em massa, todas as cruzes foram cortadas para a forma de " T ", homenagem ao modelo "T". Além disso, havia sido inventada uma nova droga chamada soma, com os mesmos efeitos da cocaína e heroína, mas sem efeitos colaterais. O soma garante que as pessoas passem mais tempo alucinando do que pensando e, por causa disso, é distribuído gratuitamente pelo governo.

Entre os funcionários do centro está Lenina Crowne. Neste momento da estória, ela conversa com sua amiga Fanny Crowne[2], que lhe critica o namoro interminável, de já quatro meses, com Henry Foster, funcionário do Centro de Incubação e Condicionamento, como Lenina. Fanny, que embora não tenha se sentido bem recusa-se a tomar o sucedâneo de gravidez, insiste em que Lenina deve fazer sexo com outros homens: *"todos pertencem a todos"*[3]. Lenina concorda e diz à amiga que, mesmo não se sentindo inclinada à promiscuidade ultimamente, gosta de Bernard Marx e que vai fazer uma excursão com ele às reservas de selvagens. Bernard Marx é especialista em hipnopédica e o leitor o encontra pela primeira vez conversando com Henry Foster e outro rapaz. O assunto é Lenina. Foster, que tem saído com ela, sugere ao outro rapaz

---

[2] Os sobrenomes se repetem, porque há apenas dois mil sobrenomes diferentes para dois bilhões de pessoas. Todos os sobrenomes e nomes homenageiam cientistas, políticos e filósofos.
[3] Para evitar a gravidez, as mulheres usam cintas malthusianas e praticam exercícios malthusianos.

que a possua também. Bernard fica perturbado com a conversa, o que sugere que ele pode estar apaixonado por ela. Fanny diz achar Bernard solitário e introvertido. Bernard Marx também é mais baixo que os outros homens de sua casta.

Capítulo IV

No final do dia, Lenina e Bernard estão num elevador cheio subindo para a cobertura do prédio. Na frente de todos, Lenina comunica a Bernard que quer "sair" com ele. Bernard fica embaraçado. Ela se diverte com o constrangimento de Bernard e vai jogar golfe-obstáculo com Henry Foster. Bernard é consolado por Benito Hoover, um amigo, que lhe oferece uma dose compensadora de soma. Na próxima cena, Bernard está voando em seu helicóptero para o apartamento de Helmholz Watson, um alfa-mais professor do departamento de escrita da Universidade de Engenharia Emocional. Ambos são considerados pensadores individualistas com dificuldades de adaptação à sociedade. Esta é a razão pela qual ambos são amigos: *"o que esses dois homens tinham em comum era a consciência de serem individualidades. Mas, enquanto Bernard, o fisicamente deficiente, sofrera toda a sua vida pela consciência de ser um indivíduo à parte, só recentemente Helmholz Watson, tendo descoberto seu excesso mental, compreendera também o que o diferenciava das pessoas que o cercavam".*

No apartamento de Bernard, Helmholz declara: *"estou pensando numa sensação estranha que experimento às vezes, a sensação de ter alguma coisa importante a dizer e o poder de exprimi-la... só que não sei o que é, e não posso utilizar este poder"*. Bernard, por sua vez, lhe confessa suspeitar de tudo e de todos e estar com dificuldade crescente de conviver com as pessoas.

Capítulo V

Lenina Crowne e Henry Foster acabam de jogar golfe-obstáculo e retornam de helicóptero para o apartamento de Henry. No caminho, eles visualizam o crematório de Slough, onde percebem as novas instalações para recuperação do fósforo dos cadáveres, o que os leva a concluir que os membros de todas as castas são física-quimicamente iguais: *"É muito bom pensar que podemos continuar sendo socialmente úteis mesmo depois de mortos. Fazendo crescer as plantas"*. Lenina comenta que todos são felizes, independentemente da casta. Foster atribui este fato ao condicionamento. Vão para o café da abadia de Westminster onde tomam soma narcótico e dançam até a música acabar, depois vão juntos à casa de Henry para passar a noite.

Enquanto isso, Bernard comparece a uma cerimônia de solidariedade, uma reunião de doze pessoas para cultuar Henry Ford. Espera-se que os freqüentadores, homens e mulheres em mesmo número, sentados em círculo alternando os sexos e consumindo soma, se "unifiquem". Bernard chega atrasado e se constrange com a pergunta de uma parceira, que quer saber que esporte ele havia praticado naquela tarde. Bernard não costuma praticar esportes e tem vergonha de admitir. Na medida em que a cerimônia progride, depois de cada um beber a taça do amor (sorvete de morango com soma) e dizer *"Bebo ao meu aniquilamento"* o grupo canta até sentir a presença de Ford e entra em transe numa dança chamada *orgy-porgy*, que acaba em sexo grupal. Bernard não consegue tirar os olhos das espessas sobrancelhas de uma moça chamada Morgana Rotschild e, deste modo, não consegue unificar-se ao grupo, embora finja fazê-lo. Está cada vez mais inadaptado.

Capítulo VI

Lenina sai com Bernard duas vezes antes da viagem para a reserva dos selvagens. Ela o acha estranho em relação aos outros homens com que havia saído: ele prefere conversar a se divertir. Ademais não gosta de multidões e não é viciado em soma. Além disso, Bernard só consegue dormir com ela após tomar grandes quantidades de soma. Confessaria, mais tarde, que teria preferido esperar mais para fazer sexo com ela. Confessa-lhe achar todo o mundo infantilizado e

estar cansado de ser uma célula do corpo social. Lenina lhe retruca com frases feitas que lhe foram ensinadas no treinamento hipnopédico e diz preferir que ele fosse mais convencional.

Bernard pede ao diretor do centro autorização para levar Lenina à reserva. Do centro, apenas meia dúzia de pessoas já estivera em uma reserva. O diretor lhe conta que, vinte e cinco anos antes, ele mesmo havia levado à reserva uma beta-menos. O casal havia sido apanhado por uma tempestade e, na confusão, a moça havia desaparecido. Enquanto vai lembrando das emoções de que havia sido acometido no episódio, vai ficando crescentemente transtornado, modificando seu humor e acusando Bernard de não estar se comportando conforme os padrões sociais exigidos. O diretor o ameaça com desterro na Islândia.

Bernard e Lenina cruzam o Atlântico na direção da reserva no Novo México. Registram-se num hotel nas cercanias. Bernard lembra-se ter deixado uma torneira de perfume aberta em casa e liga para Helmholz. Durante a conversa, este lhe comunica que o diretor já teria decidido exilá-lo. Pensando no que fazer a respeito, Bernard e Lenina tomam um helicóptero para a reserva.

Capítulo VII

Depois de instalados numa hospedaria local, o casal é conduzido a pé ao *pueblo* de Malpaís por um guia. No caminho, vêem duas mulheres amamentando. Lenina acha a cena nauseante, mas Bernard acha interessante: *“Que relações maravilhosamente íntimas!... E que sentimentos devem criar. Penso muitas vezes que talvez nos tenha faltado algo por não termos tido mãe”*. Dão-se conta de terem esquecido o soma na hospedaria e Lenina começa a ficar apreensiva: *“Isto não está me agradando”*. Assistem a uma brutal cerimônia ritual de sacrifício aos deuses Pukong e Jesus: cobras são empilhadas no centro da praça e *“lentamente, erguidas por mãos invisíveis, emergiram, de um lado, a imagem pintada de uma águia, e de outro, a de um homem nu pregado numa cruz”*. Um jovem seminu contorna lentamente a pilha ao mesmo tempo que é chicoteado por um homem alto portando uma máscara de coiote. Depois de sete voltas, acaba caindo e morre: *“Então, de repente, o rapaz tropeçou e, sempre sem emitir um som sequer, caiu para frente. Inclinando-se sobre ele, o ancião tocou-lhe as costas com uma comprida pena branca, ergueu-a no ar um momento, rubra, para que todos a vissem, depois a sacudiu três vezes sobre as cobras. Dela caíram algumas gotas, e repentinamente os tambores rufaram de novo em torrentes de notas precipitadas; ouviu-se um grande brado...”*. Depois do ritual, Bernard e Lenina encontram um jovem loiro cabeludo de olhos azuis chamado John, que lhes conta ter nascido de uma mulher como Lenina, que havia sido encontrada na mata e salva por caçadores. Bernard conclui que a mãe de John “Selvagem” é a mesma mulher que o diretor havia perdido na reserva vinte e cinco anos antes e percebe a oportunidade para evitar o desterro.

Encontram a mãe de John “Selvagem”, Linda, que se alegra por ver novamente gente civilizada após tantos anos. Ela reclama da sujeira e selvageria locais e de ser obrigada a beber mescal (álcool) no lugar do soma. A aparência de Linda é horripilante aos olhos de Bernard e Lenina: faltam dois dentes e ela está gorda e deformada. Linda conta-lhes que no início ela se entregava a todos os homens da aldeia, como gente civilizada faz, mas que as outras mulheres enlouqueceram de ciúmes e lhe deram uma surra de chicote. Lamenta também não ter conseguido condicionar John “Selvagem” que, tendo passado muito tempo com os índios, não podia mais ser civilizado. Apesar de não ter querido voltar pela vergonha de ser mãe (*“Imaginem eu, uma beta, ter um bebê; ponha-se no meu lugar! – a simples sugestão fez Lenina estremecer de horror”)*, Linda está patologicamente saudosa da civilização *“do outro lado”*.

Capítulo VIII

John “Selvagem” diz a Bernard que Linda o havia ensinado a ler e isto o fazia sentir-se superior aos outros meninos que o perseguiam por causa de sua mãe e que Linda, depois da surra, havia

arrumado um amante estável, Popé, de que ele não gostava. Ao fazer doze anos, John "Selvagem" havia recebido de presente as obras completas de Shakespeare, um velho livro abandonado e roído por ratos, e que havia lido várias vezes. Num dado momento, John "Selvagem" havia tentado matar Popé inspirado numa passagem de Hamlet e que também havia aprendido, aos quinze anos, a fazer cerâmica com o índio Mitsima, que também o ensinara a construir arco e flechas. No entanto, por ser estrangeiro, John "Selvagem" havia sido impedido de participar do *kiva*, um ritual de iniciação à vida adulta e não havia conseguido conquistar Kiakimé, que se casara com Kotlu.

Rejeitado pela sociedade e rejeitado por Kiakimé, John, ferido numa briga, tinha pensado em se suicidar: *"à beira do precipício, sentou-se. Tinha a lua às costas, mergulhou o olhar na sombra negra da mesa, na sombra negra da morte. Não precisava mais que um passo, um pequeno salto... Estendeu a mão direita ao luar. Do corte no pulso, o sangue ainda escorria. A pequenos intervalos caía uma gota, escura, quase sem cor na luz morta. Uma gota, outra, outra... (amanhã, e amanhã, e ainda amanhã...). Tinha descoberto o Tempo, a Morte e Deus".*

Ele e Bernard concluem serem ambos "estrangeiros" nas suas respectivas culturas. Com base nisso, Bernard convida John "Selvagem" a voltar à Inglaterra, pensando em usá-lo para chantagear o diretor. John "Selvagem" adora a idéia e exclama: *"Oh! admirável mundo novo"* quando fica sabendo que Linda o acompanharia ao *"outro lado"*.

Capítulo IX

Lenina, na reserva, dorme dezoito horas seguidas na hospedaria, exausta pelos acontecimentos e embalada pelo soma. Enquanto isso, Bernard deixa a reserva para se comunicar, no hotel, com sua fordeza Mustafá Mond e pedir permissão para repatriar mãe e filho.

Enquanto Bernard está fora, John "Selvagem" procura o casal que teme ter partido. Através da janela, John "Selvagem" vê a bagagem do casal, quebra o vidro e entra no quarto. Brinca com o pó perfumado da moça. Vê Lenina dormindo e fica completamente dominado por sua beleza. Quando ouve o barulho do helicóptero de Bernard voltando, foge.

Capítulo X

Bernard e Lenina voltam a Londres com John "Selvagem" e sua mãe. Assim que chegam, o diretor e Henri Foster os procuram na sala de fertilização. Ali, diante de todos os presentes, o diretor acusa Bernard de ser *"traidor de toda a civilização"* e lhe comunica a transferência para a Islândia, arrematando com a pergunta *"Pode apresentar alguma razão para que eu não execute neste instante a sentença que acaba de ser pronunciada contra o senhor?"*. Bernard ri e apresenta Linda, que reconhece o diretor e corre para o abraçar. Em seguida começa a gritar e acusá-lo de a ter abandonado grávida na reserva. O constrangimento do diretor aumenta quando John "Selvagem" entra na sala, prostra-se a seus pés e diz *"Meu pai..." "As gargalhadas, que pareciam querer aplacar-se, recrudesceram outra vez, mais fortes do que nunca. Ele tapou os ouvidos com as mãos e precipitou-se para fora da sala"*.

Capítulo XI

O diretor é obrigado a renunciar. Linda começa a tomar soma em quantidade excessiva, correndo risco de morte.

Bernard torna-se imediatamente importante, por controlar a agenda do Selvagem, que todos querem conhecer, sobretudo as mulheres. Linda, por sua vez, com aparência repugnante e passado obsceno (*"Dizer que era mãe – aquilo já passara dos limites do gracejo: era uma obscenidade"*.), não inspira nenhum interesse a ninguém e passa o tempo todo dopada pelo

soma. Apesar de seu sucesso, John “Selvagem” critica abertamente a sociedade civilizada, chegando mesmo a mandar recados diretamente a Mustafá Mond que, no entanto, os leva na brincadeira.

Helmholz Watson não está de acordo com o comportamento oportunista de Bernard e lhe diz claramente; Bernard se ofende e rompe relações com ele. John “Selvagem” faz uma visita à torre da rádio local e a uma escola básica onde vê crianças assistindo um filme sobre rituais religiosos indígenas. Todos riem a bandeiras despregadas. John “Selvagem” pergunta magoado: *“Mas por que é que eles riem?”*

Lenina quer sair com John “Selvagem”. Vão assistir a um “sensível” (*feelie*), em que um homem negro se apaixona por apenas uma mulher, que ele rapta. Três semanas depois, a heroína é salva por três fortes alfas-mais que se tornam amantes dela. O negro é enviado para recondicionamento. Lenina adora o filme, mas John “Selvagem” o detesta. Deixa Lenina em casa e vai para casa ler Otelo em que, por coincidência, o herói também é um negro. Lenina toma soma para compensar a decepção.

Capítulo XII

Bernard promove uma festa para apresentar John “Selvagem” a pessoas notáveis, entre elas o Arquichantre de Canterbury, mas John “Selvagem” se recusa a sair de seu quarto. Os convidados ficam furiosos e o Arquichantre parte indignado levando Lenina com ele. Enquanto a festa se dispersa, John “Selvagem” continua no seu quarto lendo Romeu e Julieta.

Bernard foi publicamente humilhado e toma grandes quantidades de soma para compensar a frustração. Quando volta à consciência, atribui à amizade de John com Helmholz Watson a causa da resistência do Selvagem. Mesmo assim, procura Helmholz que lhe diz ter feito a imprudência de ler um poema sobre a solidão para seus alunos e que perderia sua posição como professor.

A amizade entre John “Selvagem” e Helmholz só é abalada quando John “Selvagem”, apaixonado por Lenina, declama emocionado trechos de Romeu e Julieta. Helmholz, incapaz de compreender o sentido de um “amor proibido”, cai na gargalhada. John “Selvagem” se enfurece e fecha o livro.

Capítulo XIII

Lenina está cada vez mais fascinada por John “Selvagem”, ao ponto de Henry Foster julgá-la adoecida. Ela toma algum soma, procura John “Selvagem” e declara gostar dele. Ele declara ser indigno dela e lhe pede para provar que é digno: *“Em Malpaís - .... – a gente devia trazer a pele de um leão das montanhas, ... quero dizer quando queria casar com alguém. Ou então de um lobo”*. Ela não compreende, mas ao ouvi-lo dizer que a ama, fica nua e tenta beijá-lo. John “Selvagem” reage com choque e raiva e a empurra gritando *“Prostituta! Impudente cortesã”*. Lenina foge para o banheiro e se tranca com medo; só sai, aterrorizada, depois de John “Selvagem” ter saído, após receber um telefonema comunicando-lhe o estado terminal de Linda, inconsciente no hospital.

Capítulo XIV

John “Selvagem” vai ao Hospital de Park Lane para Moribundos para ver sua mãe: *“É minha mãe - respondeu em voz apenas perceptível. A enfermeira lançou-lhe um olhar horrorizado e, em seguida, desviou os olhos. Do pescoço às têmporas, seu rosto nada mais era que um rubor ardente”*. A enfermeira-chefe não compreende que alguém queira visitar um moribundo, já que, numa sociedade sem individualidade, a morte é benéfica e não trágica. Enquanto John

"Selvagem" tenta recuperar a consciência da mãe, entra na sala um grupo de multigêmeos "bokanovsky" tomando sorvete de chocolate. Estão sendo condicionados para a naturalidade da morte, visitando os moribundos como se estivessem num parque de diversões. Os meninos gêmeos fazem pouco da feiúra e obesidade de Linda. John "Selvagem" apanha um pela gola e dá-lhe uns pescoções. A enfermeira-chefe fica indignada e ameaça expulsá-lo. Linda volta momentaneamente à consciência e chama por Popé. John "Selvagem", sentindo-se preterido, a sacode para que ela o reconheça. Ela começa a sufocar e pára de respirar. John "Selvagem" teme a ter sacudido com muita força. Chama a enfermeira, que constata a morte. John "Selvagem" senta ao lado da cama e chora.

Capítulo XV

Ao chegar ao salão-térreo do hospital, John "Selvagem" encontra cento e sessenta e dois deltas divididos em dois grupos "bokanovsky". São funcionários, de saída, esperando sua ração diária de soma. John "Selvagem" os observa e repete para si mesmo *"Oh, admirável mundo novo"*. De repente ele dá-se conta de que a frase é, na verdade, uma convocação às armas e discursa para os deltas começando com "*Lend me your ears*[4]:... *Não tomem essa droga horrível! É veneno, é veneno"*. Os deltas, mentalmente prejudicados, reagem nervosamente com medo de não receber a ração. John "Selvagem" toma posse da caixa de soma e começa a atirar as rações pela janela. O tumulto se instala. Bernard e Helmholz são avisados. Helmholz exclama: *"Enfim, homens!",* mas Bernard fica receoso de se envolver. Ambos vão para o hospital.

A polícia chega, borrifa o ar com soma, controla a situação e conduz John "Selvagem", Bernard e Helmholz, num carro de polícia, para o gabinete de sua fordeza Mustafá Mond.

Capítulo XVI

Os três homens estão no gabinete de Mustafá. Helmholz escolheu a melhor cadeira e Bernard a pior, na esperança de, autopunindo-se antecipadamente, melhorar sua situação. Mustafá aparece e pergunta a John "Selvagem" se ele gosta da civilização. Ele responde que não, com exceção de umas poucas coisas como a música sintética[5]. Mustafá reage dizendo: *Sometimes a thousand twangling instruments will hum about my ears and sometimes voices"*[6]*.* John "Selvagem" surpreende-se com o fato de alguém mais conhecer Shakespeare naquela sociedade. Mustafá explica a John "Selvagem" que Shakespeare está proibido, porque não é mais necessário, já que todos são felizes e nem mesmo conseguiriam entender coisas velhas. Quando Helmholz diz que gostaria de escrever alguma coisa como "Otelo", Mustafá retruca que ele não poderá fazê-lo legalmente, porque tragédia e emoções cruas conduzem à instabilidade emocional. Pelas mesmas razões, Mustafá defende a estratificação social e relata uma experiência em Chipre, quando a ilha foi povoada apenas por alfas e acabou se desintegrando em guerra civil. Também a ciência, na visão de Mustafá, só pode progredir sob controles rígidos, para não conduzir à instabilidade social[7]. Bernard e Helmholz protestam e dizem ter aprendido que a ciência é tudo, Mustafá lhes diz que a ciência que eles conhecem é apenas a ciência ortodoxa e inócua. Fechando a conversa, Sua Fordeza comunica a Bernard e Helmholz que eles seriam mandados para uma ilha, como todos os desajustados sociais. Bernard se desespera e implora humilhantemente, mas Mustafá o manda retirar da sala. Surpreendentemente, Sua Fordeza comenta que Bernard não percebe a vantagem de ser livre na Islândia e confessa que ele próprio já esteve a ponto de ser mandado para uma ilha, mas recebeu a chance de se tornar o administrador, para garantir a maior felicidade possível à sociedade, mesmo às custas de sua

---

[4] Trecho de "Júlio César", de Shakespeare.
[5] Música sintética é uma música calmante o tempo todo no ar.
[6] Trecho de "A Tempestade" de Shakespeare.
[7] Para manter a estabilidade, todos iam uma vez por mês ao centro de condicionamento para tomar uma dose de adrenalina, procedimento chamado "substituto da paixão violenta".

própria. Helmholz escolhe ir para as Malvinas para poder se isolar e escrever. De acordo com ele, clima ruim dá literatura boa. Sai.

Capítulo XVII

Mustafá, agora sozinho com John "Selvagem", diz que embora acredite na existência provável de um Deus, afirma que no novo mundo a religião também não é necessária, porque foi erradicado o medo da morte e todos permanecem fisicamente jovens até o fim da vida; não havendo a perda da juventude a lamentar, tampouco morte a temer, a religião tornou-se desnecessária. Diz também ser a crença em Deus algo que se condicionava nas pessoas. O Selvagem retruca dizendo que só a solidão permite visualizar Deus e insiste em que ser feliz do modo que se era ali era uma espécie de punição. No momento mais crítico do diálogo, Mustafá conclui: *"Em suma, o senhor reclama o direito de ser infeliz"*, ao que John "Selvagem" retruca em tom de desafio: *"Eu reclamo o direito de ser infeliz"*. Mustafá insiste: *"Sem falar no direito de ficar velho, feio e impotente; no direito de ter quase nada que comer; no direito de ter piolhos; no direito de viver com a apreensão constante de que poderá acontecer amanhã; no direito de contrair febre tifóide; no direito de ser torturado por dores indizíveis de toda espécie"*. Após um longo silêncio, o Selvagem responde: *"Eu os reclamo todos"*.

Capítulo XVIII

Helmholz e Bernard, na véspera da partida para o exílio, visitam John "Selvagem", que lhes confessa detestar a civilização. Ao perceber um ar doentio em John perguntam-lhe *"Comeu alguma coisa que não lhe fez bem?"* e ele responde *"Comi a civilização"*. Diz aos amigos que havia pedido permissão para ser mandado para as ilhas com eles, mas não a havia obtido, porque Sua Fordeza continuava interessado no experimento de conciliar John "Selvagem" com a civilização.

À procura de solidão, John "Selvagem" foge e se instala num farol abandonado na crista da colina entre Puttenham e Elstead. Passa a primeira noite de joelhos pedindo perdão aos deuses para se tornar digno de habitar aquele lugar. Fabrica um arco e flecha e prepara um canteiro para uma horta. Enquanto faz o arco, flagra-se cantando e, indignado consigo mesmo pelo desrespeito ao luto, começa a flagelar-se com uma corda com nós. Três trabalhadores delta-menos de passagem o vêem supliciando-se e espalham o fato inusitado na cidade. Três dias depois chegam repórteres para obter entrevistas. John "Selvagem" os recebe a pontapés e atira flechas contra os helicópteros que se afastam.

Alguns dias depois, John "Selvagem" está pensando em Lenina. Tenta livrar-se de sua memória arranhando-se nos arbustos espinhosos e se autoflagelando, mas ele não consegue esquecer o odor do seu perfume. Sem que ele saiba, um repórter chamado Darwin Bonaparte está escondido na floresta e filma a cena. O filme é transformado num "sensível" e no dia de seu lançamento centenas de helicópteros aparecem no farol com visitantes que gritam *"Chicote, chicote, chicote"*. Chega um helicóptero com Foster e Lenina. Ela vai falar com ele, mas John, confuso com o barulho da aeronave e com os gritos da multidão, desesperado para matar a carne, a surra violentamente com a corda. A multidão fica histérica e começa a dançar *"orgy-porgy"*. John "Selvagem" também é seduzido pelo clima e cai na orgia.

Algumas horas depois, quando acorda de um longo sono induzido pelo soma e lembra-se dos acontecimentos, diz: *"Oh meu Deus, meu Deus"* e cobre o rosto com as mãos. Naquela tarde, um novo enxame de curiosos, ao entrar no farol à sua procura, encontra um par de pernas balançando. O Selvagem havia se suicidado.

(Os trechos citados foram retirados de "Admirável Mundo Novo", Editora Globo, 2ª. edição, tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano).